

Índios bons de bola viram alvo de estudo numa universidade

Futebol é usado para testar capacidade física dos indígenas

Daniel Hessel Teich

• SÃO PAULO. O treinamento técnico pode deixar a desejar, mas os índios atletas dão uma verdadeira lavada nos esportistas profissionais brasileiros quando se leva em conta a sua capacidade física. Um estudo pioneiro realizado pelo Centro de Medicina da Atividade Física e do Esporte da Universidade Federal de São Paulo (Cemafe/Unifesp) demonstrou que os índios têm uma capacidade cardiorespiratória maior do que a de jogadores profissionais de futebol dos principais times brasileiros.

De acordo com o levantamento realizado pelo médico Turíbio Leite de Barros Neto, os índios com pouquíssimo treinamento esportivo — reunidos em São Paulo para uma série de partidas de futebol — apresentaram uma resistência que é 10% superior a dos profissionais.

— Nós acreditamos que essa resistência seja de cunho genético, já que mesmo jogando futebol esses índios têm um treinamento muito precário. A descoberta foi tão surpreendente que estamos pensando em repetir a experiência com os que não praticam esportes para comparar com os outros resultados. Nossa suspeita é que a capacidade respiratória será bastante semelhante — afirmou Barros Neto.

De acordo com ele, o grupo de 25 índios de 13 etnias diferentes provenientes do Nordeste e da região do parque do Xingu apresentaram um índice médio de consumo de oxigênio em situação de esforço contínuo de 58 mililitros por quilo de massa corpórea por minuto. Já os jogadores profissio-

nais apresentam um índice médio de 54 ml/kg/min enquanto que o cidadão sedentário das grandes capitais brasileiras apresenta um índice médio de 42 ml/kg/min.

Essa medida, segundo Barros Neto, é o mais importante índice de classificação de aptidão física, reconhecido pela própria Organização Mundial de Saúde (OMS).

Caça e pesca fazem índio ter melhor desempenho físico

Segundo Barros Neto, a explicação mais provável para esse desempenho é a prática de atividades como caça, pesca, além de grandes caminhadas e longas corridas pelas matas. O médico acredita também que um componente genético acaba influenciando os números.

O que leva os especialistas a concluir que os índios que foram examinados em São Paulo apresentam um perfil semelhante ao da população indígena em geral é seu baixo desempenho nos índices que refletem o grau de treinamento técnico, como, por exemplo, a impulsão vertical ou flexibilidade.

Outro dado que impressionou os especialistas foi a grande uniformidade de resultados na avaliação dos índios, quando normalmente os padrões costumam ser muito variáveis entre os jogadores profissionais.

No que diz respeito à relação entre peso e altura, os índios apresentaram resultados impressionantes, que Barros Neto exhibe em gráficos uniformes. São poucas as exceções que ultrapassam em apenas alguns centímetros a média de 1,69 m. O peso também é estável, girando em torno de 70 quilos.

Entre os jogadores profissionais, a média é praticamente a mesma (1,70 m e peso de cerca de 70 quilos) e a variação entre o mais alto e o mais baixo fica entre 1,58 m e 1,90 m, com a respectiva variação de pesos.

No próximo mês, os membros da equipe do Cemafe pretendem realizar uma segunda rodada de testes na equipe indígena para avaliar a proporção de massa muscular e gordura dos atletas como mais um parâmetro de comparação com os atletas profissionais.

— Os índios são hoje os modelos de análise mais importantes para a medicina, tanto convencional como esportiva. O grau de pureza racial nos permite ver com precisão como funciona o mecanismo de herança genética e sua relação com o potencial esportivo. Não há hoje no Brasil um modelo de pureza racial como os índios e paradoxalmente ninguém nunca faz uma análise acurada das potencialidades dessa população — disse Barros Neto.

De acordo com os especialistas do Cemafe, por seu perfil de resistência, os índios teriam um ótimo desempenho no atletismo como fundistas ou maratonistas, categorias que exigem grande capacidade cardiorespiratória.

Mesmo no futebol, o biotipo indígena de altura e peso está perfeitamente adequado aos padrões brasileiros. Segundo os observadores do Cemafe, que prestam consultoria para diversos times paulistas, falta apenas treinamento, disciplina e uma certa malícia. ■

"Os povos indígenas do Brasil"
GLOBO ON <http://www.oglobo.com.br>